

Ressalva da Mente

Terno, gravata, sapatos que brilhavam por conta do bom serviço do engraxate na entrada do aeroporto. Parecia um executivo da mais alta classe, um que apenas estava usando um aeroporto porque houvera um problema com o seu jato particular. Talvez o filho tenha o usado na noite anterior e acabou se matando ou matando algumas pessoas. Era o mais provável. A verdade era que a roupa era barata, o conjunto todo custara menos de cem reais. Até tinha dinheiro para comprar algo de grife, recebera adiantado metade do pagamento, mas preferira salvar a grana.

Pagou com o dinheiro – a televisão o ensinou que deixar rastros com cartões de crédito não é um bom negócio – a lojinha barata e trocou-se no provador. Jogou as suas roupas antigas numa lata de lixo que havia por perto. Tinha também certeza de que o mendigo que estava lá por perto o vira, e observara a lata com cuidado e precaução, com medo de que talvez a roupa o fosse atacar. Agora, tinha certeza, o mendigo fora quem atacara, então o problema da roupa desaparecera, embora não tivesse certeza se realmente teria algum.

Câmeras de segurança talvez fossem ser um problema, mas estavam bem escondidas. Ou então não havia nenhuma, mas ele duvidava. A maleta estava firme na mão esquerda, de modo que poderia socar alguém com a direita caso necessário. Não tremia, ou achava que não, pois estava calmo. Mais calmo do que o possível. Se algo, cheirava à erva. Não havia como ficar calmo numa situação tão delicada sem fumar um pouco. Não tirara a maconha da maleta, não era estúpido o suficiente para isso, e sim usara a do seu estoque pessoal. Agora estava sem, mas poderia usar o dinheiro para comprar mais, quando tudo acabasse.

Pagaram-no bem, dez mil antes e dez mil depois. Contrabandear a droga dava mais dinheiro do que era necessário para comprá-la, quando comprada de modo moderado, como ele achava fazer. Ele tinha a aparência de ser alguém importante da elite, por isso ninguém o importunou. Estivesse em suas roupas casuais, já teria sido preso apenas por conta dos chinelos baratos. Em um terno, poderia ser parado por uma mãe que o deixaria cuidando de um filho enquanto ia ao banheiro, mas não foi parado. A camisa pinicava o tronco, ele não estava acostumado com essas roupas, mesmo não sendo das caras. Era *parecido* com um terno, então contava.

Deixar perto dos bancos, e aguardar. Alguma hora o outro cara apareceria e pegaria a maleta, o dinheiro seria entregue no dia seguinte. O aeroporto, seu *fornecedor* dissera, era

bem movimentado e talvez a troca fosse passar por despercebida pelas câmeras e pelos seguranças. Contou sete na primeira vista, e oito na segunda. Não contou outra vez por medo de que outro fosse brotar do chão, talvez com um binóculo apontado para a maleta dele e observando, furtivamente, no aguardo do bote. Sua sorte era só sua, nenhum segurança o importunou. Claro que não. Era um executivo e estava ali para trabalho, no aguardo do seu voo de máxima importância, os seguranças saberiam melhor do que incomodá-lo. O fornecedor dissera para falar no celular, alguma coisa em alemão – já que ele era fluente por conta da família maluca do pai, que insistiu que aprendesse todo o idioma quando criança –, e os seguranças nem mesmo chegariam perto com medo de estragar o perfume do executivo. Considerara a ideia, mas ao tirar o telefone do bolso e abri-lo, pois era “de abrir”, pensou que seria melhor não. Executivos não usam aqueles telefones dos anos 90. Havia alguns por perto, reconheceu, vestiam a mesma roupa, mas de grife. Todos tinham o celular biologicamente grudados nos ouvidos. De fato, certo momento pensou ter visto um homem retirar a mão da orelha e ver o aparelho permanecer lá. Soltou um leve guincho até que percebeu ser um daqueles aparelhos bluetooth.

Será que tinha os olhos vermelhos? Geralmente ficavam após fumar, mesmo que fosse só um pouquinho. Mas não tinha fome, embora o estômago fizesse ruídos, de nervosismo. Sentiu o nariz coçar e o coçou, mexendo-se na cadeira preta, estavam todas ligadas umas nas outras, em várias fileiras. O nariz estava úmido, acreditou que fosse sangue, mas não viu nada nos dedos após voltar a olhar para eles, estavam úmidos também, porém. Cobriu o narigão com a mão direita, a esquerda ainda segurando a maleta, balançado idiotamente ao lado da cadeira. A luz também não ajudava, branca como a neve, feria os olhos, então talvez realmente estivessem vermelhos. E executivos não usam óculos escuros, lembrava-se de ter pensado isso após pôr as mãos nos seus, então colocou-os de volta sobre a cômoda ao lado da cama.

Os seguranças pareceram começar a prestar mais atenção nele, e não havia como não prestarem. Estava uma desgraça, até mesmo suava, e se não estivesse usando o colete sobre a camisa branca, as manchas de suor sobre a axila seriam bem visíveis. Puxou um pouco a gravata, que lhe apertava a garganta, e, foda-se, raspou o nariz no ombro para limpá-lo. Mas continuava a escorrer dele algo que não era sangue, então só podia ser a mucosa nasal, ou o que quer que fosse. Não estava gripado, tinha certeza disso. Era primavera, será que tinha sinusite?

Passou um, casualmente, dá-lhe dois minutos, outro. Os seguranças o observavam,

com atenção, mas ele não se atreveu a contá-los, não, Deus o livre de contar e achar mais. Acreditava que era possível, como um mecanismo de defesa dos homens, talvez as câmeras também se multiplicassem quando eram finalmente achadas e contadas, de modo que fosse impossível dizer quantas realmente havia. Como células num organismo que habita outros organismos, alguns nervosos e bravos porque seus voos foram cancelados, multiplicavam-se quando se olhava para elas.

Levantou-se, e fez um grande barulho com isso, foi o sapato que fez um grito afinado, e no súbito do movimento a fileira de cadeiras também foi tremida e o barulho do metal sendo arrastado pelo chão ecoou pelo aeroporto, junto das vozes e dos bipes que indicavam alguma mudança no grande telão com os horários. Mais seguranças mantinham seus olhos nele, sentia-se como a garota da festa que foi com a saia mais reveladora – e pela atenção que davam a ele, talvez pudessem ver alguma parte da calcinha; ainda mais, quando estava perto da porta do banheiro teve certeza de que, para receber tanta atenção, devia ter se esquecido de pôr uma. Afastou-se um pouco, andou em círculos pelo quarteirão de cadeiras com estofado preto. Levou a mão direita ao nariz e esfregou-a nele, para limpá-lo, mas continuou a escorrer. E o suor, a gravata também ainda parecia o enforcar. Talvez um baseado não tivesse sido o suficiente, teria de fumar outro para conseguir ficar tranquilo. Mas não sabia se conseguiria ali, além do mais a fome falava mais alto.

Para um aeroporto, não havia nada para comer em lugar algum. Havia a espuma das cadeiras, mas seriam difíceis demais para arrancar, e desceriam com dificuldades sem nada para beber junto delas. Veio à cabeça a imagem de uma lata de gasolina – deveriam ter em algum lugar, para os aviões. Sacudiu-a e pensou estar ficando louco, ou então o que fumara estivesse fazendo efeito, e aquilo misturado com o nervosismo...

Correu até o banheiro, mas numa corrida-caminhada, muito esquisita, enquanto a maleta mal se movia ao seu lado, seus braços tão parados que parecia serem inanimados. Empurrou a porta e ela bateu com um grande estrondo, acreditava que era uma daquelas corta-fogo, mas não voltou para checar. Finalmente, abriu a mão e a maleta caiu no chão. Pôs as duas debaixo de uma água rápida que descia da torneira, mas descobriu que a mão esquerda não conseguia formar uma concha, não conseguia movê-la, e ainda doía. Estivera pressionando a alça com tanta força que nem percebera. Havia buraquinhos pequenos na mão, fora onde fincara as unhas sem nem perceber.

Usou apenas a mão direita para pegar água e jogar no rosto. Precisava ser eficaz e voltar logo, o outro homem não esperaria, o fornecedor dissera. Era uma troca rápida, não

tinha perigo. Qualquer coisa só dizer que talvez pegara a maleta de outro no banheiro, isso acontecia o tempo todo em filmes. Ninguém desconfiaria.

Não percebeu, mas estivera até então usando a mão como concha para se jogar água, estava tão perdido em pensamentos e sensações que não a sentia batendo no corpo. O terno estava todo encharcado agora. Precisava ir para as cadeiras e aguardar o homem, pegou a maleta com a mão direita – já tinha certeza de que teria de amputar a esquerda – e foi até a porta. Abriu-a, pingando no chão, e pôs o olho para fora, este vasculhou o perímetro e percebeu um grupo de seguranças conversando ao longe e apontando para o banheiro dos homens, onde ele estava.

O desespero começou a roer por dentro, fechou a porta e gemeu de angústia. Era um gemido nada sensual ou mesmo comum: cães gemiam melhor antes de serem abatidos. Era só um som contínuo que não acabava. Parou quando voltou a tomar controle sobre o corpo, mas teve certeza de que teria de fazer algo. Os tiras o viram, e estavam em direção ao banheiro. Era a maconha que o incriminaria, com certeza. O terno, bem, que torneira nunca antes explodira?

Entrou num dos boxes do banheiro e girou a rodinha para OCUPADO, escrito em vermelho metálico. Grandioso o lugarzinho, deu para largar a maleta num canto e abri-la com a mão direita, a esquerda estava napoleonicamente em frente a barriga, toda contorcida. Tudo bem, era destro, não precisava dela.

Tirou os pacotes com a erva, um a um, da maleta e os despejou na água limpa do vaso sanitário. Logo ele estava cheio, até o gargalo, e foi então que a descarga foi puxada. Não foi boa ideia, mas no calor do momento ele não percebera isso. Deveria ter feito pouco a pouco, pois tudo o que a água fez foi subir e subir, até que começou a pingar pela borda.

Fora do cubículo, a porta fora escancarada e os seguranças entraram, xingando. O barulho deles chutando a porta foi logo após, e a maconha ainda não havia descido, ao que parecia nunca desceria. Ele pegou um punhado com a mão e pôs na boca. Deu-se a mastigar, e era como se a erva se dissolvesse ao entrar em contato com a saliva, o que tornou fácil engolir a primeira leva. A segunda, pôs na boca, mas não conseguiu engolir porque um dos homens de azul o agarrou pela bochecha e o fez cuspir tudo no chão.

– Falei que era pra tirar ele daqui, agora entupiu o vaso com o papel higiênico – o homem ralhou. – Drogados filhos da puta.

– E... eo... n-na... NAAAAAAAA...!!